

Água Boa, cercada por índios, é a mais rica cidade do País

PEDRO COSTA

ÁGUA BOA — Rodeada por dez mil índios xavantes e vizinha de onças, capivaras e sucuris do vale do rio Araguaia, a cidade mais rica do Brasil é um filme de faroeste exibido à porta da Amazônia. Boa parte de seus 18 mil habitantes tem cabelos loiros, olhos azuis, toma chimarrão, diz "barbaridade", colhe mangas e melancias pelas ruas empoeiradas e, principalmente, ganha rios de dinheiro com a soja. Água Boa, em Mato Grosso, é uma ilha de prosperidade formada por um bando de pioneiros que, em meados da década de 70, desbravou o cerrado em busca da fortuna. Hoje, ricos e poderosos, dirigem caminhonetes Ford F-4000 com chifres no capô, calçam botas "Paragón", usam chapéus "Loft" de cowboy e divertem-se com corridas de cavalo.

Ponto central do Brasil, Água Boa tem renda per capita anual de US\$ 1.900,00 (Cz\$ 1 milhão) segundo pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), índice que supera em mais de US\$ 200,00 o das cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo e quase o dobro da taxa de Belo Horizonte, por exemplo. Perdida na imensidão do cerrado da região Centro-Oeste, a cidade não tem milionários nem mendigos, mas uma classe média que ainda acredita no trabalho como fonte de riqueza. "Tudo aqui é fabuloso, em se plantando tudo dá", diz um dos gaúchos pioneiros, o lavrador Herculano Lorenzão.

Alheios à crise brasileira, os 600 produtores rurais da cidade vão faturar em 1988 mais de Cz\$ 15 bilhões com a soja, o arroz e as 150 mil cabeças de gado, conforme estimativa do Banco do Brasil. O povo, a maioria na faixa dos 40 anos, despreza o open market e a caderneta de poupança e prefere investir em colheitadeiras, secadoras, e mais hectares de terra. Mesmo assim, há sete aviões no campo de aviação vestidos de seda a Cz\$ 120 mil nas boutiques e caminhonetes com ar refrigerado, televisão e geladeira estacionadas nos vastos jardins em frente às residências. "Aqui foram dadas oportunidades iguais, o capitalismo socializou-se e a riqueza foi distribuída", analisa o prefeito Germano Zandoná, fã do ex-governador Leonel Brizola.

Fosse uma ilha em meio a um oceano, pouca coisa faltaria a Água Boa. Planejado pelo pastor protestante e colonizador Norberto Schwantes, que morreu em setembro, o município cresceu em meio a um dos poucos exemplos de reforma agrária bem-sucedidos no País. A cidade tem ruas numeradas, centros administrativos, dois clubes de lazer, floriculturas, livrarias, sede da União Democrática Rural (UDR) três ho-

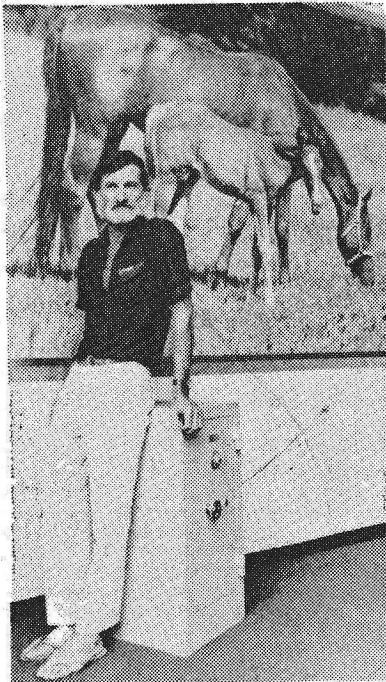
téis, dois mercados e nenhum posto do Inamps, ou qualquer tipo de previdência na área urbana. Se o cidadão não tem como pagar a conta de um dos dois hospitais — o Municipal e o das Clínicas, a prefeitura paga a conta e, melhor ainda, não hesita em contribuir com dinheiro ou tijolos para a construção da casa própria. Água Boa tem o maior índice de salas de aula por habitante do País, há 36 escolas municipais que distribuem refeições diárias às crianças pobres. A televisão (Rede Globo e SBT) chega diretamente do satélite por antenas parabólicas, mas o noticiário local é feito pela Rádio Xavantina e pelo jornal O Berrante.

Nesta cidade, que se intitula "Coração do Brasil", a cerveja custa Cz\$ 600,00, empregadas domésticas não trabalham por menos de Cz\$ 50 mil e o aluguel de residências comuns, no centro, chega a mais de Cz\$ 100 mil. No verão, a temperatura ultrapassa 43 graus, mas existem piscinas e cachoeiras para matar o calor.

MUITA TERRA

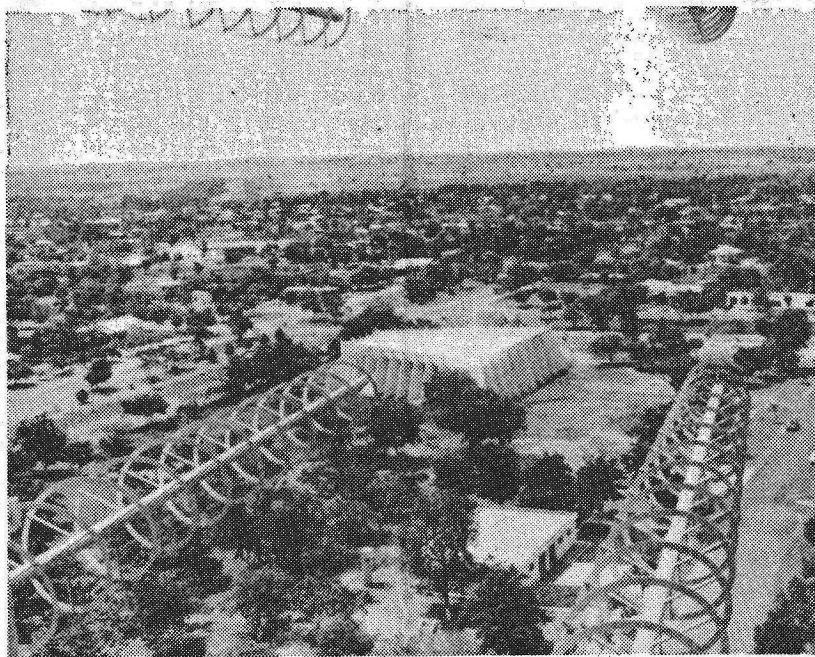
Só não existe mais a mordomia financeira dispensada aos pioneiros entre 1975 e 1980, quando o governo vendeu 400 hectares de terra a cada gaúcho ou paranaense com 12 anos de prazo, quatro de carência, juros de 7% ao ano (sem correção monetária) e financiamento facilitado para a compra de implementos agrícolas.

A base do sonho de riqueza da cidade está nos próprios pés de José Antônio Sassioto, gerente do Banco do Brasil em Água Boa. "Com os Cz\$ 50 mil pagos na minha bota 'Paragón' eu compro um hectare de terra", diz ele. Espaço para plantar é o que não falta. Por todos os lados há terra a perder de vista.



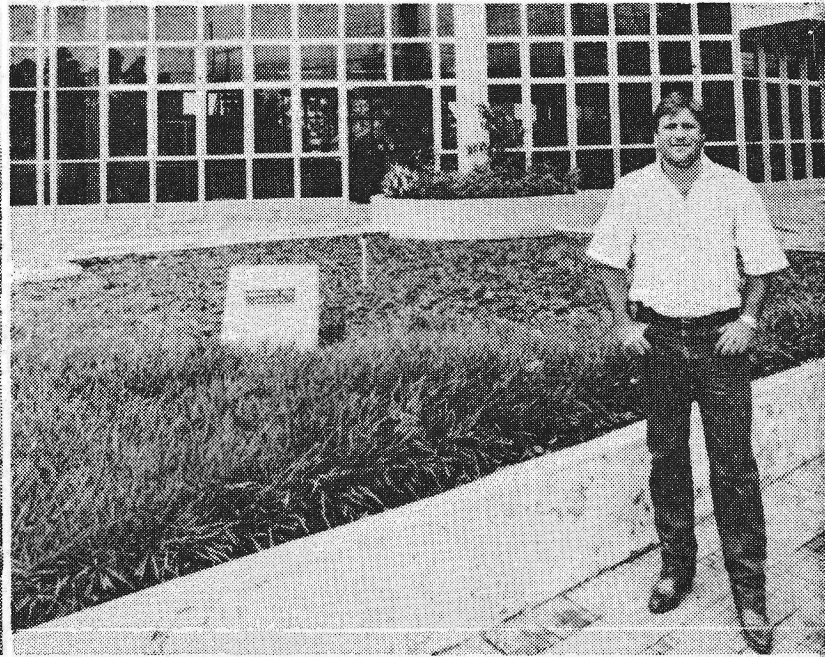
Leonardo Castro/AE

Cecatto: cavalos de corrida



Leonardo Castro/AE

Água Boa: até antena parabólica para TVs



Leonardo Castro/AE

José Antônio Sassioto: bota de Cz\$ 50 mil